

FELIX QUI POTUIT RERUM COGNOSCERE CAUSAS

Antônio Pessoa Pereira

Não sei por que associação de idéias, vezes sem conta, me aflui à mente, como insistente *leitmotiv*, o verso de um poeta com quem, na juventude, dividi meu tempo de apaixonado cultor da língua latina:

*O fortunatos nimium, sua si bona norint,
Agrícolas! (1)*

(Virgílio, *Geórgicas*, liv. II, v. 458)

Seria apenas a beleza melódica do verso de alguém cuja poesia impregnou de raro esplendor toda a literatura do Ocidente na sua manifestação épica, lírica e bucólica?

Ou será pelo inusitado da construção latina em que o Cisne de Mântua, fugindo aos cânones da declinação latina, utilizou a forma acusativa, *fortunatos agricolas*, em vez de *fortunati agricolae*, que é o normal de um vocativo latino?

Parece que não.

É que, nestes versos: *Ó mil vezes afortunados os homens do campo se conhecessem a sua felicidade!*, além da beleza estilística que tanto singulariza o poeta, por uma espécie de analogia, eu me vejo e vejo os meus colegas professores, quais diligentes agricultores, a usufruir as delícias de um campo fértil onde a semente, uma vez plantada, regada e adubada, produzirá frutos saborosos que haverão de alimentar, mais tarde, a juventude da imensa pátria brasileira.

Com efeito, a metáfora ou alegria aqui exposta tem sua razão de ser, uma vez que a própria língua, por imperceptível processo semântico, cujas causas ou cujos efeitos escapam ao nosso entendimento, se encarrega de ajustar palavras e expressões a determinados atos ou circunstâncias da nossa vida social, doméstica ou profissional.

Assim é que, se nos dermos ao trabalho de verificar a polissemia, a conotação e toda a gama de matizes lingüísticos de que a fala humana é capaz, veremos que a missão do professor se projeta num campo extenso cujos elementos formais se identificam, de fato, com os da própria agricultura.

Daí a plausível equivalência entre professor e agricultor.

Pois bem, tratando-se de uma *aula da saudade*, tentarei apresentar, no derradeiro e fugaz convívio com meus alunos, como exemplo de belezas e riquezas da língua, algumas palavras que geram metaforicamente o motivo da festa que os congrega neste momento.

Começarei por lhes mostrar que *aluno* é uma palavra de raiz indo-européia. Está presa ao latim pelo verbo *álere* = "alimentar" e se concretiza em *alumnus, alumni*, "aquele que é alimentado espiritualmente", "é ensinado", *discipulus* e "deve ser conduzido" por alguém, *educandus*.

Levado a procurar o saber, a cultura, esbarra, de pronto, no verbo *cólere*, um dos radicais presentes na palavra *agricola*, citada no verso de Virgílio: *O fortunatos nimium, sua si bona norint, Agricolas!*

A palavra *agricola*, que significa "aquele que cultiva o campo", "que mora no campo", provém do verbo *cólere*, gerador, por sua vez, da forma *cultum* e da cognata *cultura*, de conotação comum à vida do campo e à dos que se dão ao estudo, na ânsia de angariar conhecimento sobre os homens, as coisas e animais que os cercam.

A palavra *cultura*, que é, semanticamente, "um sistema de atitudes, instituições e valores de uma sociedade",⁽²⁾ apresenta um leque imenso de significações.

O autor de *Filosofia e Poesia da Linguagem*, a propósito do assunto, assim se expressa: "Nem só o solo é susceptível de cultivar. Nem somente a terra faz germinar a semente. Também o espírito é um campo imenso, feracíssimo, que, arado pela ilustração, aprimorado pelo estudo, polido pela erudição, se transforma num seminário de novas entidades semânticas, de novos conceitos, de novas concepções da vida, cujo conjunto constitui uma civilização, simboliza a cultura de uma época."⁽³⁾

O aluno, portanto, para se munir de todo o instrumental que lhe dê os foros de homem culto, polido, detentor, portanto, da *cultura*, recorre, sem o saber, à linguagem campesina, socorrendo-se da língua latina, que lhe põe às mãos o *livro*, cujo étimo, *liber, libri*, nada mais é que "casca", "córtex" em linguagem vernácula.

No *livro*, por sua vez, se inserem outras catacreses interessantes ligadas à natureza rural. É o caso, por exemplo, da palavra *papel*, de que ele é confeccionado. Se, em francês, "papel" é *papier*, em inglês, é *paper*, quanto ao étimo, o *papyrus* latino e o *pápyros* grego é um arbusto do Egito de cuja entrecasca faziam papel, estofos, velas de navio, cordas e outros artefatos.

Folha é outra catacrese. Provém de *folium*, cujo plural *folia* é a antecedente imediata da palavra portuguesa "folha".

Ademais, quando escrevemos, valemo-nos, geralmente, de *lápiz*, latim, a "pedra" e de *caneta*, diminutivo de "cana" = bambu, junco, caniço. E, se somos retóricos, para demonstrar a nossa espontaneidade no ato de redigir, usamos a erudita expressão latina: *currente calamo* = "ao correr da pena". Plínio, o naturalista, averba *calamus* como "cana" (planta) e S. Jerônimo, filólogo e tradutor da Bíblia, denomina-o como "cana aromática".

Toda esta pequena amostragem de palavras em linguagem metafórica cuja origem não remonta, por certo, a conceitos científicos mas à fertilidade de imaginação do povo ou de poetas, é apenas um enfeite literário para ornamentar o termo *cultura*, de ambivalência rural e literária.

Interessante, além disso, como coisas ou concepções literárias se expressam com palavras ou expressões de sentido eminentemente conotativo. É o caso, por exemplo, de poesia *tucólica*, canções *pastoris*, *florilégios* e *antologias*, formadas, todas, na língua dos gregos ou em latim, a língua-mãe, por excelência, dos brasileiros, dos povos afro-lusitanos e dos portugueses.

Andando um pouco mais, deparam-se-nos similaridades surpreendentes como a do verbo *ler*, redução vernácula de *légere*, que, além de significar "ler para si" ou "ler em voz alta", exhibe, na 1.ª série sinonímica do "Saraiva", o significado de *ajuntar, reunir, colher, recolher*.

Valendo, pois, o mesmo que *colher*, parece-nos lógico o símile, em expressões como: "fez-se a *colheita* do cereal" e "fez-se a *colheita* do vocabulário".

A palavra *colheita*, aliás, substantivação vernácula feminina do particípio *collectus*, nada mais é que um deverbais de *colligere*, forma composta de *co* + *legere*.

Prosseguindo nas nossas andanças, desaguaremos em outras expressões de emprego idêntico nas linguagens de que nos ocupamos neste modesto cotejo.

"Lavarar uma escritura" e "exarar uma ata" são outros exemplos típicos.

Os verbos *lavarar*, de *laborare* e *exarar*, de *ex* + *arare* contêm radicais semelhantes aos das palavras grifadas nas expressões: "frutos da *lavra*" e "vai-se *arar* o campo".

E, se palavras como *arar*, *lavarar* e *colher* têm vigência na língua rural e em linguagem de cunho literário, a ação de *semear* ou de lançar o *semen*, *seminis* = *semente* está tão arraigada e é tão comum, que ninguém atenta para o fato de que: "organizar um *seminário*" é preparar metaforicamente um "viveiro de plantas" no qual se lançam *sementes* isto é, *idéias*, das quais devem brotar soluções para os grandes problemas com que se defrontam os que constituem a atual sociedade.

Mas, deixando de lado tantas lucubrações de somenos importância, "cantemos coisas um pouco mais elevadas": *paulo majora canamus!*, como diria o divino poeta, dirigindo-se às musas sicilianas: *Sicelides Musae*.

Volvamos, pois, ao objetivo primeiro da presente aula.

Assumi, com a magnífica plêiade de jovens cuja bondade e afeição me fizeram prisioneiro, o compromisso de pronunciar uma última aula, *a da saudade*, no ambiente acolhedor da nossa casa intelectual, a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará.

Confesso-lhes que, para falar à juventude, acérquei-me de cuidados especiais, começando pelas divagações com que iniciei esta palestra. Falei-lhes, comparando-me aos felizes agricultores, da minha alegria em conviver ao lado de jovens sequiosos do saber. Usando noções rudimentares, instilei-lhes n'alma o conceito de *cultura*, a matéria com que tentaram forjar a alma e a inteligência no Curso de Letras, o ambiente amigo que, neste exato momento, começa a gerar, em suas cabeças, um turbilhão de imensas e gratas recordações.

Sei que vocês não chegaram a beber a plenos haustos a sabedoria contida nos livros. Sei que a luz dos ensinamentos de seus mestres ou a experiência dos que pautam a vida pelos ditames da razão e do bom senso não incidiram com veemência em suas mentes e em seus corações.

São muitas as contingências da vida. Falhos os propósitos da humana sabedoria. Incompreensíveis as barreiras da luta e dos dissabores da vida hodierna.

Entanto, mesmo de leve, brilham em vocês lampejos de luz difusa do pensamento grego. Brotam, sem que o percebam, idéias salutares da cultura latina. Homens e fatos perpassam em suas mentes e lhes proporcionam exemplos magníficos de vida e de dedicação ao estudo e à meditação. Embora em proporções diminutas, saborearam, todos, o vinho dos deuses e dos poetas e se tornaram irmãos gêmeos dos grandes pensadores, críticos e lingüistas que tornaram admirável a cultura ocidental. E, acima de tudo, tomaram consciência de que a língua, a literatura e a civilização luso-brasileira constituem um patrimônio de que nos devemos orgulhar pelos vultos que as tornaram belas e pelas belezas que nos encantam a alma.

Todos vocês, portanto, se beneficiaram, um pouco mais, um pouco menos, das luzes do conhecimento humano, enriqueceram-se um pouco de cultura, tornaram-se depositários da felicidade que lhes possibilita a apreensão e compreensão do bem, do belo e da verdade, e, por isto, sentem-se capazes de entender, em toda a plenitude, a justeza da frase virgiliana: *Felix qui potuit rerum cognoscere causas* = "feliz aquele que pôde conhecer as causas das coisas".

É esta, de fato, uma das manifestações de felicidade, a dos espíritos superiores, que profundam os segredos da natureza e descobrem as causas dos fenômenos.

Mas não é este apenas o motivo de alguém sentir-se feliz.

Em deliciosa página literária, Machado de Assis, o mestre com quem vocês se familiarizaram tanto nesta casa de estudos, nos apresenta, como símbolo da felicidade, o retrato de um homem simples, que, um dia, pôde comprar um par de botas. Diz o contista maravilhoso:

"Cansado e aborrecido, entendi que não podia achar a felicidade em parte nenhuma; fui além: acreditei que ela não existia na terra, e preparei-me desde ontem para o grande mergulho na eternidade. Hoje, almocei, fumei um charuto e debrucei-me à janela. No fim de dez minutos, vi passar um homem bem trajado, fitando a miúdo os pés. Conhecia-o de vista; era uma vítima de grandes reveses, mas ia risonho, e contemplava os pés, digo mal, os sapatos. Estes eram novos, de verniz, muito bem talhados, e provavelmente cosidos a primor. Ele levantava os olhos para as janelas, para as pessoas, mas tornava-os aos sapatos, como por uma lei de atração, anterior e superior à vontade. Ia alegre; via-se-lhe no rosto a expressão de bem-aventurança. Evidentemente era feliz; e, talvez, não

tivesse almoçado; talvez mesmo não levasse um vintém no bolso. Mas ia feliz, e contemplava as botas.

A felicidade será um par de botas? Esse homem, tão esbofetado pela vida, achou finalmente um riso da fortuna. Nada vale nada. Nenhuma preocupação deste século, nenhum problema social ou moral, nem as alegrias da geração que começa, nem as tristezas da que termina, miséria ou guerra de classes, crises da arte e da política, nada vale, para ele, um par de botas. Ele fita-as, ele respira-as, ele reluz com elas, ele calca com elas o chão de um globo que lhe pertence. Daí o orgulho das atitudes, a rigidez dos passos, e um certo ar de tranqüilidade olímpica...

Sim, a felicidade é um par de botas."

Realmente, para alguns, a felicidade pode ser apenas a sensação de possuir um par de botas ou de estar calçado com elas, coisa tão simples, mas que enche de prazer quem as possui pela primeira vez ou as conquistou a duras penas, depois de árduo esforço em amealhar pequenas economias.

Para todos vocês, será que o fato da conclusão de um curso lhes proporciona esta sensação de euforia, de plenitude, de recompensa, o autêntico estado de espírito das almas simples, daquele que, no dizer de Guilherme de Almeida

"... sabe ser
como o ar, as rosas, a árvore, o rio:
simples, mas simples sem o saber!?"

Caríssimos alunos,

Concluindo, neste momento, a promessa que lhes fiz, quero reportar-me a outro elemento que motiva uma aula de término de curso.

Refiro-me à própria *saudade*, que a aula enfoca e que se se destina, ao ser lembrada, a deixar impressa a mensagem da amizade a prolongar-se pela vida afora. Para mim, a *saudade*, neste momento, é o elemento catalisador que torna indecomponível a substância da aula que eu pronuncio.

Mas, para falar sobre o assunto que nos prende, convém, segundo os escolásticos, determinar o *status quaestionis*, partindo, como eles, do sentido das palavras.

E é o que, embora divagando, fantasiando e tateando, pretendo expor ante a mente e a imaginação de jovens que me ouvem. Primeiro, focarei o elemento formal; depois, a essência e os matizes que afetam o íntimo das pessoas, mexem com as fibras do coração e produzem a triste e alegre letargia cujo nome é *saudade*.

AULA DA SAUDADE

A palavra "aula, do grego 'aulé' = 'palácio, corte', pelo latim, por via erudita, *aula*, tomou o sentido de 'classe' por causa das escolas anexas aos palácios dos grandes."

Saudade, do latim *solitate* = "soledade, solidão", através do arcaico *soydade*, *suydade*, tem, talvez, influência analógica da palavra *saúde*, geradora, por certo, quanto à forma, do substantivo *saudade*.

Não nos atendo, porém, apenas ao sentido etimológico, *solitate* = "solidão", "desamparo", "abandono" ou a seu cognato próximo, *solitário* (de *solus*) = "o que está só", "isolado", "separado", mas à gama infinita de sentimentos que invadem a alma de quem ficou privado de um grande amor, compreendemos a riqueza da palavra *saudade* nos belíssimos sonetos que fizeram de Camões o lírico maior da língua portuguesa.

Em um de seus sonetos colhidos a esmo, diz-nos o grande épico e exímio lírico da "última flor do Lácio":

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve...) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mi(m) converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía."

E o cantor apaixonado de:

"Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente...

Se, às vezes, deixa de usar, impressa, a palavra *saudade*, pinta-a, porém, em toda a sua lírica, com suaves e ternos sentimentos, ou com as mais sutis razões do coração:

“Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais,
E, se torna, não tornam as idades.”

Não sei se são estes os sentimentos de todos os que, nesta hora, se despedem do Curso de Letras, de colegas e professores.

Têm, todos, a alma em flor, vão “rindo e cantando” e, talvez, até meditem, um pouco confuso, nas palavras que Mário Quintana lhes dirige:

“Vivemos conjugando o tempo passado (*saudade*, para os românticos) e o tempo futuro (*esperança*, para os idealistas). Uma gangorra, como vês, cheia de altos e baixos — uma gangorra emocional. Isto acaba fundindo a cuca de poetas e sábios e maluquecendo de vez o *homo sapiens*. Mais felizes os animais, que, na sua gramática imediata, apenas lhes sobra um tempo: o presente do indicativo. E que nem dá tempo para suspiros...”

(Mário Quintana, in *A Vaca e o Hipogrifo*)

Meus diletíssimos concludentes,

Embora o poeta ache que só os animais, na sua simplicidade, possuem a verdadeira felicidade, tenho para fim que vocês, num término de curso, têm razões para sentir-se felizes e, por isso, como mensagem para a vida que ora encetam e vão cumpri-la com amor e vocação, nada melhor que meditar profundamente na verdade dos versos de Guilherme de Almeida:

SIMPLICIDADE, FELICIDADE

Simplicidade... Simplicidade...
Ser como as rosas, o céu sem fim,
a árvore, o rio... Por que não há de
ser toda a gente também assim?

Ser como as rosas: bocas vermelhas
que não disseram nunca a ninguém
que têm perfumes... Mas as abelhas
e os homens sabem o que elas têm.

Ser como o espaço, que é azul de longe,
de perto é nada... Mas quem o vê
— árvores, aves, olhos de monge —
busca-o sem mesmo saber por quê.

Ser como o rio cheio de graça,
que move o moinho, dá vida ao lar,
fecunda as terras... E, rindo, passa,
despretensioso, sempre a cantar.

Ou ser como a árvore: aos lavradores
dá lenho e fruto, dá sombra e paz;
dá ninho às aves; ao inseto, flores...
Mas nada sabe do bem que faz.

Felicidade — sonho sombrio!
Feliz é o simples que sabe ser
como o ar, as rosas, a árvore, o rio:
simples, mas simples sem o saber!

(Guilherme de Almeida, in *Tempo*, p. 43)

Esta, caríssimos alunos, a mensagem que seu mestre, neste dia, deseja fique impressa em sua mente e em seus corações: a da ventura de poderem usufruir, pelos estudos agora concluídos, um potencial de conhecimentos humanísticos de tal grandeza, que os habilite ao desempenho do magistério autêntico e os conduza à fruição plena da verdadeira felicidade, envolvidos no manto sagrado da simplicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Guilherme de Andrade e. "Simplicidade, Felicidade" — In: — *Teoria da Literatura*, São Paulo, Editora Clássico-Científica, 1964.
- ARRAES, José de Alencar. *Filosofia e Poesia da Linguagem*. Rio de Janeiro, Distribuidor — Editor Borsoi, 1960.
- CAMÕES, Luís Vaz de. "Sonetos" — In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, 284 p.
- . "Sonetos" — In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, 289 p.
- . "Sonetos" — In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, 294 p.

- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. "Histórias Sem Datas". In: — *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1985, v. 2.
- NASCENTES, ANTENOR de Veras. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.
- QUINTANA, Mário de Miranda. "Felicidade, Gramática da — In: *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações Paulo Ronai*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novissimo Dicionario Latino-Portuguez*. 9. ed. Rio de Janeiro — Paris, Liv. Garnier, 1927.
- TOMÁS, Pe. Antônio. "Contraste — In: — *História da Literatura Cearense*, Fortaleza, Editora Instituto do Ceará Limitada, 1951, t. 2. 1966.
- VIRGILE, Publius... Maro. "Les Géorgiques". — In: — *Oeuvres*. Paris, Librairie Hachette, 1929, Liv. 2, v. 458.
- . "Les Bucoliques". — In: — *Oeuvres*. Paris, Librairie Hachette, 1929, Liv. 4, v. 1.
- . "Les Géorgiques". — In: — *Oeuvres*. Paris, Librairie Hachette, 1929, Liv. 2, v. 490.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Gilson de Andrade e. "Simbolismo, Felicidade" — In: *Revista de Letras*, Fortaleza, 1986.
- ARRAIS, José de Almeida. *Estudo de Felicidade*. Rio de Janeiro, 1985.
- CAMARGO, José de. "Felicidade e Simbolismo" — In: *Revista de Letras*, Fortaleza, 1986.
- . "Felicidade e Simbolismo" — In: *Revista de Letras*, Fortaleza, 1986.
- . "Felicidade e Simbolismo" — In: *Revista de Letras*, Fortaleza, 1986.
- . "Felicidade e Simbolismo" — In: *Revista de Letras*, Fortaleza, 1986.